

“É a Minha Vida, Não é?”

Pois não é. Tudo permitir-se hoje, sem pensar nos outros, é arriscar o nosso amanhã—e, com isso, destruir um dos nossos mais preciosos legados

EVAN HILL

ARÉPLICA FOI surpreendentemente suave, se considerarmos que partiu de um estudante de 21 anos que realmente queria dizer a um de seus professores que se metesse com a sua vida. A única coisa que eu tinha feito fôra perguntar-lhe, por curiosidade, por que êle se expunha aos perigos do fumo.

—Se a fumaça o incomoda—disse êle, guardando novamente os cigarros no bolso—não fumarei. Mas não me venha com sermões sôbre a saúde. Cabe a mim resolver, não acha? São os *meus* pulmões, é a *minha* saúde, a *minha* vida, não é?

—Para vivê-la como bem entender? Desgastar-se à vontade? LSD? Maconhá? Excesso de álcool?

—Se eu quiser. Acontece que não

quero. Mas se eu quisesse, sim. Contudo que eu não prejudique outras pessoas.

—E quanto a dirigir perigosamente, a 150 quilômetros por hora?—indaguei.

—Numa estrada vazia, sem passageiros, não tem problema. Entende o que quero dizer?

Acenei com a cabeça lentamente.

—Entendo o que quer dizer, mas não concordo. É uma visão muito melancólica e solitária do homem. É como se você achasse que não vale nada.

Êle saiu e esperou até chegar ao corredor para acender o seu cigarro. Fiquei pensando se êle acharia que o corredor era uma estrada deserta e que não tinha passageiros. Se era assim, estava enganado.

Não é a vida dêle; não inteiramente. É em parte minha, em parte de todo o mundo, assim como as vidas de todo o mundo e a minha são em parte dêle. Como professor, ajudei a moldar uma parte de sua vida, como êle também ajudou a moldar a minha—e a sua perda ou ferimento é a mutilação de um segmento de mim mesmo. Não podemos escapar um do outro. Ninguém escapa dos outros.

O sabonete que você usa perfuma o ar que eu respiro; a fumaça do seu automóvel contamina êsse ar. O seu sorriso pela manhã—mesmo dirigido a mim, um estranho—alegra o meu espírito. As blasfêmias que você resmunga, no ônibus ou no trem, ofendem-me. Você não é uma ilha; não vive, nem pode viver, sozinho, numa ilha.

Pelo simples fato de que um homem tem uma espécie de título de propriedade sobre o seu corpo, êle não tem o direito de maltratá-lo, nem de abusar dêle, de arriscá-lo inutilmente ou de destruí-lo. “Acaso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo que está em vós, o qual tendes da parte de Deus?”, diz o Nôvo Testamento. “Vós não sois de vós mesmos” (I Coríntios 6:19).

Cada um de nós é um produto social, criado por tôda a família humana, querido por pais e avós, educado por professôres e sacerdotes, protegido por pôliciais, soldados e juízes, incentivado por universidades, inspirado por artistas e poetas.

Nenhum de nós nasceu sem cuidados, sem merecer atenção, como subproduto acidental de um processo de união sem importância. Cada um de nós representa o investimento acumulado de milhares de anos, e é o resultado de uma enorme quantidade de esperanças. Não temos o direito de destruir essa herança tradicional sem pensar no futuro.

Em algumas unidades do exército, durante a Segunda Guerra Mundial, era considerado falta punível um soldado queimar-se de tal modo ao sol que ficasse incapacitado de trabalhar. O objetivo era bem claro: manter cada indivíduo em condições, porque todos os outros indivíduos precisavam dêle; êle era importante para todos. A nossa legislação civil possui objetivos bem semelhantes. Exige que nós nos vacinemos contra algumas moléstias para não infectarmos outros. As leis de trânsito exigem a vistoria das condições de segurança dos automóveis, porque o estado de cada carro é do interêsse de *todos* os que usam as estradas. Um velho advogado meu conhecido expressou assim esta idéia: “O direito que um homem tem de vibrar o seu punho termina onde começa o nariz do próximo.”

Devem, pois, os jovens presumir que podem tomar LSD e correr o risco de sofrer uma lesão permanente do cérebro, que poderá exigir hospitalização—paga por outros elementos da sociedade? Será, como êle diz com tanta irritação, assunto exclusivamente *dêle* querer abandonar os

estudos, quando isso poderá significar para a sua futura esposa e filhos uma vida de necessidades, e para nós, os demais, contas de pensão de desemprego e problemas sociais?

Conheço um homem de perto de 40 anos que bebia tanto há 10 anos, que seus amigos o avisavam de que estava pondo em perigo a sua saúde. Ele respondia que estava prejudicando apenas a si mesmo, e mandava os amigos tratarem de suas vidas. Hoje, casado e sofrendo de cirrose do fígado, ele tem dificuldade em permanecer nos empregos, e as companhias de seguros não querem segurá-lo. Durante os seus anos descuidados de solteiro beberrão ele esteve continuamente prejudicando uma moça que só viria a conhecer pelo menos cinco anos depois, lesando crianças ainda não nascidas.

Dizer que não “temos nada com isso” muitas vezes é uma desculpa para sermos egoístas—para nos entregarmos aos nossos caprichos ou para evitar ter de cumprir o prometido. Dizemos que não queremos intrometer-nos, nem que outros se metam conosco, mas o que realmente queremos dizer é que não queremos comprometer-nos ou admitir que também nós devemos deixar para a humanidade um legado como ela nos deixou.

Mas devemos. É tentador viver à sombra das árvores que nossos pais plantaram—mas nós devemos plantar as nossas próprias árvores, não só para nós mesmos, mas também para os nossos filhos. *Isso é da nossa conta.*

Alguns de nós acreditamos que uma complacência é inofensiva desde que ninguém saiba. “Que mal pode haver num caso discreto e sem compromisso?”, disse-me uma vez um jovem e irrequieto industrial. “Minha mulher não saberá, e a moça não será emocionalmente comprometida.”

Ele tinha razão. Sua esposa nunca soube, nem jamais suspeitou, e a parceira do romance nunca se envolveu emocionalmente. Mas, de algum modo, mesmo depois que encerrou o caso da maneira mais civilizada, algo dêle estava faltando. Ele gostava menos de si mesmo. Era menos marido para a esposa. Descobriu que achava difícil encarar os filhos. De uma forma muda e secreta, o caso discreto e passageiro poluíra tôdas as suas relações com sua família.

Há pouco tempo, eu soube por que uma de minhas alunas mais brilhantes não estava mais freqüentando as aulas. Moça bonita, chegada a seus pais, ela, como tantas outras jovens, havia-se empenhado a fundo na “autodescoberta”. Começou a namorar um jovem casado. Às colegas que censuravam o seu procedimento ela dizia: “Tenho o direito de me encontrar, não tenho? Não estou fazendo mal a nenhuma outra pessoa, estou?” Ficou grávida, fêz um abôrto e abandonou os estudos. Hoje mora com os pais, infeliz e dominada pelo remorso. Não pode abrir-se com os pais, e êstes estão perplexos com a transformação da moça.

Está visto que o “seu direito de

ser ela mesma" está prejudicando outros—e provavelmente continuará a prejudicá-los. Ela receia que o seu caso venha não só a afetar as suas relações sexuais com o homem ainda desconhecido que ela desposará um dia, mas também a prejudicar outras relações com êle. Existe no futuro dela uma cicatriz que bem poderá afetar aquêles que o compartilharão com ela—mesmo seus filhos. Ela sabe hoje que a maioria dos atos humanos—até os mais secretos—de algum modo, algum dia, vão influir em outras pessoas.

Recentemente, num jantar, eu estava ouvindo comentários intolerantes de um convidado acêrca de um grupo minoritário que não estava representado à mesa. O anfitrião tentou, com jeito, mudar de assunto, mas o convidado insistiu. Então, olhando para os filhos menores, sentados ao seu lado, o anfitrião disse gentilmente: "Por favor. Em minha casa, não. Talvez suas atitudes pessoais sejam assunto seu; mas, quando o senhor as expõe aqui, passam a ser meu. Devo dizer-lhe que discordo e reprovo. Se eu não me manifestasse agora, o senhor, as crianças e os demais convidados poderiam in-

terpretar o meu silêncio como aprovação. Espero que compreenda."

O jantar prosseguiu em silêncio, e o convidado retirou-se cedo. Verifiquei então que as opiniões pessoais de um homem nem sempre são só de sua conta, pois as palavras desenfreadas podem prejudicar os outros tão positivamente como os atos egoístas.

É claro que o homem de fato tem direito a uma parcela de sua vida particular que êle pode reservar para si mesmo. Neste refúgio, se êle o construiu com cuidado—suas pescarias, sua oficina, seus parceiros de jôgo—êle poderá dizer em verdade: "Isto aqui não é da conta de ninguém, só minha." Durante êsses momentos, êle se desliga intencionalmente do mundo—mas apenas por algum tempo. Êle tenciona reingressar e contribuir para reabastecer os mananciais de experiência humana de que todos nos servimos.

Se eu tivesse de escolher uma única máxima, para reger minha vida, escolheria a de Horace Mann: "Tenha vergonha de morrer enquanto não tiver conquistado alguma vitória para a humanidade." E isto se aplica a todos nós.



No quadro de avisos da nossa farmácia de campo em Chu Lai, no Vietname, há o retrato de duas môças vestidas no rigor da última moda: calças compridas, botas de cano alto, suéteres largões, cintos largos, cabelos escorridos e casacos de couro prêto. A legenda é a seguinte: "VOCÊ TEM CERTEZA DE QUE QUER VOLTAR PARA ISTO?" —J. W. L.